

DE “IMPRECIONANTE” (SIC) A IMPRESSIONANTES
EFEITOS DE SENTIDO: ANÁLISE DO DISCURSO DO
MINISTRO DA EDUCAÇÃO, WEINTRAUB, NO *TWITTER*

FROM “IMPRECIONANTE” (SIC) TO IMPRESSIVE
EFFECTS OF MEANING: ANALYSIS OF THE
SPEECH OF THE MINISTER OF EDUCATION,
WEINTRAUB, ON *TWITTER*

Dalexon Sérgio da SILVA¹

Claudemir dos Santos SILVA²

¹ Pós-doutorando e doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) em Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior – PDSE – CAPES, pela Universidade de Lisboa/Universidade Aberta de Lisboa. Membro do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - Portugal. E-mail: dalexon@uol.com.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5977-361X>

² Mestre e doutorando em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco, bolsista FACEPE. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: claudemirsilva711@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7198-1374>



RESUMO

Este trabalho promove um gesto teórico-analítico sobre dois comentários de internautas em respostas, acerca de uma publicação do ministro da Educação do Brasil, Abraham Weintraub, em 08/01/2020, no *Twitter*, onde ele comete um erro de grafia e escreve a palavra “impressionante”, com a letra ‘c”, isso depois de já ter errado na escrita de outras palavras em português, em documentos oficiais, tais como “paralização”, com ‘z” e suspensão, com ‘ç”. Assim, pelo viés da teoria e método da Análise do Discurso de linha francesa (AD), baseado nos estudos de Pêcheux na Europa, Orlandi e estudiosos no Brasil, este trabalho mobiliza as noções de sujeito, efeitos de sentido, memória discursiva, formação discursiva e imaginária, para analisar esses comentários, que funcionam como unidades de sentido em relação à situação. Não interessa aqui analisar estritamente problemas ortográficos e sim, o lugar social de poder e de liturgia no qual o sujeito enuncia tocado principalmente pelas formações imaginárias que via memória discursiva circulam numa sociedade sobre como deve se manifestar em público a maior autoridade num país e que é responsável pela alfabetização de crianças desta nação, dentre outras atribuições educacionais: o Ministro da Educação de um país.

PALAVRAS-CHAVE

Sujeito; efeitos de sentido; memória discursiva; formação discursiva; formação imaginária.



ABSTRACT

This article promotes a theoretical-analytical gesture about two comments of internet users on Twitter, when answering about a publication of the Brazilian minister of Education, Abraham Weintraub, for having made a spelling mistake in this social network, writing imprecisely with the letter c in such a network. This is after other mistakes in writing words such as: paralização com z e suspensão com ç, in official documents. In this sense, a gesture of interpretation will be mobilized, through the bias of the Discourse Analysis (AD) theory and method, based on the studies of Pêcheux ([1969]1993; [1975] 2014), in France, Orlandi (2013, 2011), in Brazil and other scholars. For this, an image was extracted from the tweet posted by O Globo newspaper, published on 08/01/2020, referring to Weintraub's speech on Twitter. To carry out the analysis, the notions of subject, effects of meaning, discursive memory, discursive and imaginary formation are mobilized to analyze the image and comments, which function as units of meaning about the situation, because it is an authority that is responsible for the literacy of children of this nation, among other educational duties in the position of minister of Education.

KEYWORDS

Subject; sense effects; discursive memory; discursive formation; imaginary formation.



1. SITUANDO A PROPOSTA

No dia 08 de janeiro de 2020, o ministro da Educação do Brasil, Abraham Weintraub, provocou polêmicas, mobilizando a atenção dos internautas e da imprensa, por causa de uma postagem equivocada sua no *Twitter*. Ele comentou sobre uma linha de pós-graduação em segurança pública, para responder ao deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP). Ao responder, o ministro cometeu erro de ortografia da língua portuguesa, pois escreveu a palavra “imprecionante”, com a letra *c*, maneira incorreta. Nesse contexto, a publicação do ministro Weintraub fez proliferar vários comentários negativos da imprensa nacional e dos internautas. Nesse mesmo dia, o site do *Jornal do Commercio* trouxe a seguinte manchete de capa: “Ministro da Educação, Abraham Weintraub, peca no português e escreve ‘imprecionante’ nas redes sociais”. A matéria afirmou que internautas criticaram o ministro da Educação do Brasil pelo erro e que, por esse motivo, o ministro apagou a postagem em seguida.

Nesse trecho, também no dia 08/01/2020, o site do jornal *O Globo* trouxe a reportagem de capa, intitulada: “Mais uma maldade à língua portuguesa: ministro da Educação escreve *imprecionante*”. A reportagem mostrou que Abraham Weintraub cometeu erro de ortografia em resposta a tuíte de Eduardo Bolsonaro. De acordo com a matéria, após escrever “suspensão” e “paralização” em um documento enviado ao ministro da Economia, Paulo Guedes, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, voltou a cometer um erro de ortografia em resposta a um *twitter* do deputado Eduardo Bolsonaro. Do exposto, em poucos minutos, o erro virou alvo de deboche entre internautas, que ressaltaram que Weintraub é ministro da Educação. Diante disso, mesmo ele tendo apagado a sua



postagem, muitos internautas tiraram *prints* e mobilizaram sentidos irônicos relacionados ao lugar social de Weintraub como representante máximo da alfabetização de crianças no Brasil.

Desse modo, também no dia 08/01/2020, o site *UOL* divulgou a seguinte manchete de capa: “Weintraub escreve ‘imprecionante’ no *Twitter*, apaga e web faz piada”. Logo, a matéria mostrou que vários sentidos de humor circularam a partir da posição social que Weintraub ocupa nesse cargo de ministro. Ainda, no dia 08/01/2020, o site *Yahoo notícias* divulgou a reportagem: “Ministro da Educação comete novo erro de português: *mais imprecionante*”. Aqui, a matéria jornalística mostrou que Abraham Weintraub é conhecido por se envolver em diversas polêmicas ao longo de sua gestão e que, tal qual o presidente, Weintraub usa muito as redes sociais para se posicionar e divulgar seu trabalho, porém, frequentemente, sua atividade virtual joga contra sua imagem.

Além do exposto, finalizando o dia 08/01/2020, o jornal *O Estado de São Paulo* ainda apresentou a seguinte manchete: “Após paralisação com ‘z’, ministro da Educação escreve impressionante com c”. Nesse contexto, a publicação de Weintraub continuou repercutindo e no dia 10/01/2020, o site da revista *Istoé* publicou a reportagem: “Ministro da Educação é alvo de piadas por erros de português nas redes sociais”. A matéria ressaltou que pelo fato de Weintraub ser o responsável por supervisionar as diretrizes educacionais do país, ele (o ministro) chocou muitos brasileiros ao escrever de forma errada a palavra “impressionante”, utilizando a letra *c* ao invés de *ss*. Por fim, a reportagem trouxe depoimentos de internautas: “O fato do ministro da Educação escrever ‘imprecionante’ reflete a realidade da educação brasileira”, criticou um internauta. “É ‘imprecionante’ ele ser ministro da Educação”, escreveu outro.





Somado a isso, no dia 18 de janeiro de 2020, a edição do *Jornal Nacional*, trouxe uma reportagem, informando que o *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)*, também cometeu um erro de português. O órgão, numa rede social, ao informar o número de “visualizações” das notas do ENEM, escreveu a palavra com z, ao invés da palavra ser escrita com s. Nesse cenário, erros de português têm sido comuns no MEC. Nessa mesma reportagem, o *Jornal Nacional* ainda acrescentou que, em maio de 2019, numa audiência no senado, o ministro errou a escrita do nome do escritor Franz Kafka, o chamou de “Kafta”, uma comida árabe. Já em junho do mesmo ano, numa outra postagem, Weintraub escreveu: “tranquilizo os guerreiros do PT e dos seus “Acepipes””, que significa aperitivo, o ministro estaria se referindo ao termo “asseclas”. Em agosto, o jornal *O Estado de São Paulo*, publicou um ofício do ministro da Educação, ao ministro da Economia Paulo Guedes, Weintraub, nesse documento, escreveu duas vezes “paralisação” com a letra z.

Diante de tantos comentários que produziram diferentes movimentos de sentido, a partir da referida publicação do ministro da Educação do Brasil, Weintraub, no *Twitter*, *este artigo promove* um gesto de interpretação teórico-analítico acerca de dois comentários de internautas ao responderem sobre a citada publicação do ministro no *Twitter*. Nessa diretriz, pretende-se responder às seguintes questões de pesquisa mobilizadas aqui: (i) Como funciona o discurso produzido a partir da posição-sujeito de internauta nesses comentários no *Twitter*? (ii) De que modo, as formações discursivas e imaginárias sobre o sujeito internauta e ministro da Educação do Brasil se mostram nesses enunciados no *Twitter*? (iii) Como a memória discursiva se apresenta nessas publicações? (v) Quais efeitos de sentido estão aí



presentificados. Sendo assim, deve-se apreender que a Análise do Discurso de linha francesa, suporte deste artigo, tal qual delineada por Pêcheux, na França ([1969]1993; [1975] 2014), reterritorializada por Orlandi (2013, 2011) no Brasil e retomada por estudiosos, é teoria e método, assim, os postulados teóricos trazidos serão retomados como noções operatórias analíticas para se proceder à análise do corpus discursivo.

Para tal procedimento metodológico, este trabalho fez um *print* de uma imagem do tuíte do ministro republicada em sua matéria de capa, do dia 08/01/2020. Aqui, também se analisam dois retuítes de dois internautas que foram publicados na rede social *Twitter* do ministro. Dessa forma, pontua-se que não foi possível fazer um *print* diretamente do tuíte do ministro em sua rede social, porque ele apagou a postagem ao perceber a repercussão de sentidos negativos produzidos a partir de sua publicação equivocada no *Twitter*. Por tal motivo, justifica-se neste trabalho se trazer o *print* da publicação do ministro, a partir da republicação do mesmo pelo jornal *O Globo*, para ser analisado aqui.

Nesse viés, serão mobilizadas nas análises as seguintes noções basilares teórico-analíticas da AD: sujeito, efeitos de sentido, memória discursiva, formação discursiva e imaginária, com o objetivo de que tais comentários, que funcionam como unidades de sentido em relação à situação, sejam operados analiticamente. É preciso ressaltar que, por meio deste artigo, não interessa aqui, analisar estritamente problemas ortográficos e, sim, a posição social de poder e de liturgia, na qual o sujeito enuncia tocado, principalmente, pelas formações imaginárias que, via memória discursiva, circulam numa sociedade, sobre como deve se manifestar em público a maior autoridade da Educação do Brasil.





2. SOBRE A CONCEPÇÃO DE ERRO E A SUA RELATIVIZAÇÃO PELA NOÇÃO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Os estudos sobre a perspectiva da norma culta baseiam-se em apresentar observância em suas inúmeras regras. À vista disso, depreende-se que o período de colonização portuguesa no Brasil está atrelado à imposição política e social, a partir do domínio ideológico, cultural, religioso e, sobretudo, linguístico. De maneira que, “a sobreposição paulatina da língua local pela língua do colonizador trouxe, dentre outros entraves, a destruição da linguagem e cultura expressiva indígena e, em consequência, a dizimação de sua população” (PEREIRA *et al*, s/d/2020, s/p). Na prática, interpreta-se que a fomentação da existência de formas linguísticas *corretas* e *erradas* estão arraigadas às primeiras reflexões sobre a linguagem humana. E, como efeitos de sentido, ter-se-ia, então, uma norma, “tal ideia constitui a razão de ser de um tipo de gramática, denominada de prescritiva ou normativa, que privilegia o uso escrito da língua e condena as construções não abonadas pelos grandes escritores do passado” (MONTEIRO, 1999, p. 32).

Nesse entrecho, Bechara (1999) em sua “*Moderna gramática da língua portuguesa*”, ao tecer comentários acerca da norma culta, ou “língua exemplar”, teoriza: “a gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos” (BECHARA, 1999, P. 52). Já Cegalla (1990), na “*Novíssima gramática da língua portuguesa*”, explica: “este livro pretende ser uma Gramática Normativa da Língua Portuguesa, conforme a falam e escrevem as pessoas cultas na época atual” (CEGALLA, 1990, p. xix). Dessa maneira, em relação à questão



da norma culta, entende-se que há um preconceito milenar, tradicional, ideológico, uma vez que, “a maior dificuldade em lidar com a norma culta é precisamente o fato de ela ter dupla personalidade, por trás desse rótulo – *norma culta* – se escondem dois conceitos opostos no que diz respeito à língua que falamos e escrevemos” (BAGNO, 2012, p. 20).

Através da língua os homens se desenvolvem, argumentam, perguntam, ensinam e instruem outros sujeitos, estando ela (a língua) presente nas experiências do cotidiano, pois faz parte da identidade e da cultura social. Nesse cenário, com a invenção da escrita, por exemplo, “a preocupação torna-se evidente, pois ela precisa ser planejada, elaborada e completa” (SANTANA; NEVES, 2015, p. 81). Nos respectivos contextos históricos, culturais e sociais, tanto a língua quanto a gramática percorrem um caminho paralelo, pois “assim como a fala não apresenta propriedades intrínsecas negativas, também a escrita não tem propriedades intrínsecas privilegiadas. São modos de representações cognitivas e sociais que se revelam em práticas específicas” (MARCUSCHI, 2007, p. 35).

Nesse cenário, desde 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, conforme explicam Santana e Neves (2015) os índios já habitavam essas terras, falando diversas línguas, entre elas o tupi. A partir da colonização, a Língua Geral (mistura do Tupi com o Português), tornou-se a forma de comunicação mais usada. Entretanto, nesse enredo, em 1757, o Marquês de Pombal decreta a proibição de tal língua e “oficializa” a Língua Portuguesa com o objetivo de alcançar o monolinguísmo³. Em decorrência disso, muitos passaram a acreditar que no Brasil fala-se somente uma língua, “mas

³ - Para o monolinguísmo existir só deveria haver uma língua falada por todos e da mesma forma (SANTANA; NEVES, 2015, p. 77).



sabemos que Língua Portuguesa apresenta grande variação de região para região, estado para estado, sem esquecer a língua indígena que é, ainda, usada por diversas tribos”, não esquecendo, é claro, da língua das dezenas de colônias de imigrantes que vivem pelo país (SANTANA; NEVES, 2015, p. 77). Em vista disso, Bagno (2008) ressalta de que o Brasil é um lugar onde, são faladas muitas línguas diferentes.

Por consequência, constata-se que a língua tratar-se-ia, diga-se assim, de uma profusão, exuberância, conglomerado plurilinguístico que constitui a língua portuguesa. Por isso, os estudos que se baseiam na perspectiva da variação linguística defendem que a língua varia e que não existe um único padrão de língua, assim, afirma-se segundo Bagno (2008), que “o monolinguísmo é uma ficção”, ou seja, “não existe nenhuma língua no mundo que seja uniforme e homogênea”, uma vez que essa questão já tem sido bastante difundida pela linguística moderna, logo, ter-se-ia, um dos principais mitos que circulam entre os brasileiros, a concepção de um monolinguísmo. Todavia, “o português europeu, obviamente, não é nem nunca foi uma língua homogênea e uniforme”, mas “apresenta dialetos regionais bem distintos uns dos outros, além de variação social” (BAGNO, 2008, p. 27- 46).

Nesse encadeamento, o estudo em torno da heterogeneidade costuma categorizar essa variação numa tipologia, podendo ser: variação regional ou diatópica, variação social ou diastrática, variação estilística ou contextual (GORSKI; COELHO, 2009).

Disso, constata-se, por exemplo, que “nem tudo que se escreve se fala, nem tudo que se fala se escreve”, (SANTANA; NEVES, 2015, p. 80). Assim sendo, ao refletir-se sobre o aspecto da escrita, fomenta-se que tal



processo, segundo Koch (2007), apresenta características distintas, pois deve ser planejada, completa, não fragmentária, elaborada, porque ela (a escrita) é oficial, prestigiada pelas classes dominantes e quem não a domina, muitas vezes é considerado como ignorante. Atrelado a isso, vê-se que na escrita, a gramática que se usa é apenas uma das variações existentes na Língua Portuguesa, só que, neste caso, passa a ser considerada padrão. Nessa instância, “a língua escrita é a manifestação formal do letramento e sua aquisição se dá através dos meios formais: a escola”, quer dizer, por ser adquirida nesse contexto, “apresenta um caráter prestigioso e torna-se um bem cultural desejável” (MARCUSCHI, 2007, p. 18).

Portanto, as gramáticas ao debruçarem-se sobre questões peculiares de fala e/ou escrita, funcionarão como atividade linguística em que o modelo, tradicionalmente, destacará questões de norma culta, pois ao longo dos séculos, os defensores dessa concepção tradicional “isolaram” a língua, “retirando-a” da vida social. Por isso, esse modelo de língua ideal, acaba criando uma grade de critérios dicotômicos empregada para qualificar as variantes linguísticas: “certo vs. errado, bonito vs. feio, elegante vs. grosseiro, civilizado vs. selvagem e, é claro, culto vs. ignorante” (BAGNO, 2012, p. 21-23).

3. A EXTERIORIDADE CONSTITUTIVA PELA HISTORICIDADE: SUJEITO E SITUAÇÃO NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA (AD)

No entendimento de Pêcheux (1969, 2014) são as lutas de classes que movem a sociedade e os discursos, tendo em vista ao considerar-se a gênese da Teoria do Discurso. Diante disso, embora existam outras áreas dos estudos da linguagem que foquem na compreensão dos diversos discursos circulantes na sociedade, é a partir dele (Pêcheux), que o discurso passa





a ser concebido como efeitos de sentido entre locutores (PÊCHEUX, 1993 [1969]). Desse modo, “o discurso é um fenômeno intermediário entre a língua (geral) e a fala (individual), nasce em outros discursos, isto é, a partir de formações discursivas que, por sua vez, integram uma ou mais formações ideológicas” (ORLANDI, 2011, p. 157-158). Nesse contexto, a vertente brasileira da AD é desenvolvida por Eni Orlandi (2011) e outros pesquisadores, que a definem como “teoria crítica que trata da determinação histórica dos processos de significação” (ORLANDI, 2011, p.12). Partindo da constituição simbólica do homem, da busca (inevitável) de sentidos situando as práticas de linguagem no eixo tempo-espço.

Nesse encadeamento, os sentidos, por sua vez, “não estão nas palavras, que mudam de sentido segundo as posições sociais daqueles que a empregam”, daí, “o sujeito ao produzir sentidos diz mais sobre si do que sobre aquilo que ele diz” (SOARES, 2017, p.35). Na verdade, o discurso é/será determinado pela posição-sujeito, dada em uma posição ideológica e sócio-histórica também (ORLANDI, 2013, p. 43), porque conforme Althusser (1985, p. 99), “o lugar desse sujeito já foi dado, ele já se inscreveu, há, portanto, uma predeterminação ideológica”. Com isso, o discurso possibilita formas de conhecimento em seu conjunto (ORLANDI, 2013) e na prática, concebe um acontecimento, evidenciando, então, “efeito de sentidos entre locutores” (PÊCHEUX, 1997), uma vez que propõe a noção de funcionamento, isto é, a relação existente entre condições materiais de base (língua) e processo (discurso). Nesse direcionamento, a partir dos discursos de Leandro Ferreira (2005, p. 73), é preciso salientar que a concepção de linguagem que norteia a AD é a da psicanálise, onde o sujeito não é consciente e nem tem controle sobre o que diz, isto é, ele (o sujeito) é *clivado, assujeitado, desejante*.



Tal categoria, introduzida na AD, é pensada a partir de formulações de Lacan, ganhando estatuto próprio. No entanto, “não nos apropriamos do sujeito da psicanálise, mas levamos em consideração o sujeito inconsciente, descentrado, não-uno, onde a incompletude é muito marcante no sujeito” (LEANDRO FERREIRA, 2005, p. 73).

Ao mesmo tempo, é sujeito da ideologia, tal como teoriza Althusser (1991), afirmando que esse processo é decorrente do assujeitamento ideológico, onde se dá a ilusão do sujeito, no sentido de que o assujeitamento, ligado à ambiguidade do termo sujeito, “exprime bem esta “fixação” de liberdade e de vontade do sujeito: o indivíduo é determinado, mas para agir, ele deve ter a ilusão de ser livre mesmo quando se submete” (HAROCHE, 1992, p. 178). Nessa treliça, “quando o sujeito fala [...], ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas”, assim, achando que os sentidos estão nas palavras, logo, apagando-se, suas formações imaginárias (Fim), pensando fazer desaparecer em suas condições de produção (CP), o modo pelo qual a exterioridade o constitui enquanto sujeito de seus discursos. Como resultado, em meio a essa tessitura, o funcionamento discursivo, não é unicamente linguístico, já que as condições de produção (situação dos protagonistas) são o conceito básico para a AD, uma vez que constituem e caracterizam o discurso, sendo seu objeto de análise. Dessa maneira, as CP são Fim, onde se apresentam, de acordo com Orlandi (2011; 2015):

- 1- A relação de forças - os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa, marcando o discurso com a força da locução que este lugar representa. Logo, importa-se, por exemplo, se falamos do lugar de presidente, ou de professor, ou de pai, ou de filho, dentre outros.



- 
- 2- A relação de sentido - o coro de vozes, a intertextualidade, o vínculo que existe entre um discurso e os outros, onde o que dizemos tem relação com outros dizeres e isto faz parte dos efeitos de sentidos.
 - 3- A antecipação - a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa.

Sendo assim, compreende-se que os dizeres, não são apenas mensagens a serem decodificadas, mas efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas (a situação, a exterioridade constitutiva). Essas condições de produção do discurso “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” (ORLANDI, 2013, p.30-31). Nesse vigamento, a formação ideológica (FI) é entendida como um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos às posições de classes em confronto umas com as outras. Comporta, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas (FD) interligadas (CAZARIN, 2001, p. 137).

Dentro dessa composição, Pêcheux (2014, p. 214) situa a relação ideologia/discurso, a partir disso, “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas FDs que representam, na linguagem, as formações ideológicas que lhe são correspondentes”. Na verdade, a tese “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos”. Tal interpelação tem, por assim dizer, “um efeito retroativo, o que resulta em que todo indivíduo é sempre-já sujeito” (PÊCHEUX, [1996] (2010), p.150). À noção de FD, o autor diz, “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de



relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014, p.160). Em toda situação de linguagem, o sujeito e a situação, contam fundamentalmente para a AD. Diante disso, outra importante definição neste artigo, trata-se do papel da memória, que sendo observada e compreendida à luz da AD, Pêcheux destaca que:

A memória seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2010, p.52).

Em virtude disso, a memória do dizer possibilita a materialização de discursos que se processam mediante o contexto sócio-histórico em que os sujeitos estão inscritos. Portanto, retomando dizeres outros, para então, reformular e restabelecer discursos num complexo jogo ideológico. Nesse cenário, o interdiscurso é tratado como a memória, que por sua vez, pode ser definido por Pêcheux (1969, 2014), como aquilo que fala antes, em outro lugar, de modo independente e diferentemente, com isso, para Pêcheux (2010, 1984), todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro.

4. O CORPUS DISCURSIVO: UMA ANÁLISE DAS MATERIALIDADES DISCURSIVAS

Conforme marcado anteriormente, neste artigo se promove um gesto teórico-analítico acerca de dois comentários de internautas ao responderem, sobre uma publicação do ministro da Educação do Brasil, Abraham Weintraub, por ter cometido erro de ortografia, escrevendo





“imprecionante” (com a letra “c”), isso depois de outros erros na escrita de palavras como: “paralização”, com “z” e suspensão, com “ç”, em documentos oficiais. Para tal empreendimento analisou-se, inicialmente, uma imagem do tuíte do *ministro* republicada pelo jornal *O Globo*, em sua matéria de capa do dia 08/01/2020. Assim, realizou-se um *print* a partir dessa imagem extraída da mídia, montando-se então, três recortes discursivos, o original do ministro republicado pelo jornal e dois comentários de internautas feitos na rede social *Twitter*, retuitando o ministro, pois o mencionado erro, em poucos minutos, virou alvo de deboche entre internautas, que ressaltaram que Weintraub é ministro da Educação. É preciso destacar que pelo fato do ministro ter apagado o seu tuíte em seguida, a análise da sua publicação inicial teve que ser realizada a partir do *print* feito da republicação divulgada pelo jornal *O Globo*.

Nesse contexto, na rede social *Twitter*, o deputado Eduardo Bolsonaro afirmou a Weintraub e ao ministro da Justiça, Sergio Moro, que o Brasil nunca teve uma pesquisa feita por órgão oficial sobre o uso defensivo de armas de fogo: “Só existiu uso ofensivo para exatamente demonizá-las. Seria interessante apoiar um projeto assim, caso haja oportunidade”, disso, Weintraub concordou — mas com erro de Português. Nesse sentido, o movimento interpretativo-analítico, será conduzido pelos procedimentos teórico-metodológicos da Análise do Discurso (AD), baseado nos estudos de Pêcheux, na França ([1969]1993; [1975] 2014), Orlandi (2013, 2011) e estudiosos no Brasil, mobilizando-se as noções de sujeito, efeitos de sentido, memória discursiva, formação discursiva e imaginária, para analisar tais comentários, que funcionam como unidades de sentido em relação à situação.

UM GESTO TEÓRICO-ANALÍTICO SOBRE A POSTAGEM DE EDUARDO BOLSONARO E DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO, WEINTRAUB: ANALISANDO ENUNCIADOS PUBLICADOS NO TWITTER

Figura 1 — Comentário 1 (recorte 1)



Fonte: <https://oglobo.globo.com/sociedade/mais-uma-maldade-lingua-portuguesa-ministro-da-educacao-escreve-imprecionante-1-24179052> .

Aqui, no **Enunciado 1, (recorte discursivo 1)**, pretende-se situar as condições de produção do discurso do ministro da Educação, Abraham Weintraub, pois ele enuncia em resposta ao filho do presidente do Brasil, o deputado Eduardo Bolsonaro. É a partir desse enunciado de Weintraub que, dos vários internautas que o responderam, este artigo, passará a analisar agora dois enunciados dentre os diversos publicados no *Twitter*.

Nesse viés, é preciso pontuar que este trabalho não tomará por fundamento a noção unicamente de erro pelo viés normativo gramatical nem a concepção de variação linguística como uma troca de linguagem formal pela informal por um falante apenas, mas sim, pela ótica da perspectiva da AD, buscar-se-á analisar os efeitos de sentido de erro provocado a partir do lugar social que o ministro ocupa, atravessado pelas formações imaginárias (Fi),

oriundas da formação discursiva (FD) na qual ele se inscreve ao enunciar. Assim, importa aqui o funcionamento do discurso de Weintraub, como sujeito inscrito no lugar social de ministro da Educação do Brasil, sendo considerado o maior representante do processo de alfabetização de crianças, dentre outras atribuições na liturgia do seu cargo social.

Figura 2 — Enunciado 2 (recorte 2)



Fonte: <https://twitter.com/hashtag/weintraub>.

Atentando para as questões materializadas, até então, percebe-se que, nesse **Enunciado 2 (recorte 2)**, o sujeito internauta se posiciona, em resposta ao **enunciado 1 (recorte 1)**, de modo a usar várias palavras em português com problemas de ortografia (*Forssa, eçes, foçem, fássil, abraço*). Dessa maneira, aqui, é importante dizer que esses termos linguísticos não possuem os sentidos neles mesmos, mas apontam para a exterioridade constitutiva. Desse modo, pelo funcionamento da memória discursiva, inscrita na historicidade, tais termos produzem efeitos de sentido de ironia, deboche e crítica social, dentre outros. Nesse encadeamento, esses termos linguísticos, publicados dessa maneira pelo sujeito internauta, em seus efeitos de sentido, marcam o lugar social de luta de classes



(ministro da Educação sendo criticado pelos internautas, por não mobilizar adequadamente o seu próprio idioma, de modo ortográfico). Saberes compreendidos por Althusser (1985), ao mostrar como se constituem os “Aparelhos Ideológicos do Estado”, pois a escola e a universidade públicas brasileiras, representadas pelo ministro da Educação, posicionam-se como pertencentes a esses aparelhamentos ideológicos estudados por esse teórico e retomados por Pêcheux (1969, 2014) ao mostrar que a ideologia se materializa no discurso e que o discurso se materializa na língua, inscrevendo-se nela e determinando o seu funcionamento, a partir disso, “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas FDs que representam, na linguagem, as formações ideológicas que lhe são correspondentes” (PÊCHEUX, 2014, p. 214).

Nesse trecho, é interessante analisar também como funciona o discurso produzido a partir da posição-sujeito de internauta, via memória discursiva, nesse comentário (**enunciado 2 – recorte 2**) no *Twitter*. Aqui, é possível observar como a memória discursiva se apresenta nessa publicação, pois ao enunciar: “- Se eçes livros não foçem eçe monte de amontoados de palavras ficaria mais fássil escrever”, o sujeito internauta mobiliza a memória discursiva que aponta para o já-dito noutra lugar, conforme defende Pêcheux (1969, 2014), ao afirmar que alguma coisa fala antes noutra lugar independente e diferentemente. Assim, também como Courtine (1981) lembra de que *há sempre já um discurso*, ou seja, o enunciável é exterior ao sujeito enunciativo, pois ao sujeito enunciar, *fala uma voz sem nome* (COURTINE, 1981). Então, pelo funcionamento da memória discursiva, o sujeito internauta traz ao seu enunciado o discurso do seu chefe, o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que afirmou terem





muitas coisas escritas no livro didático brasileiro, conforme enunciado dele (o presidente) circulado amplamente na mídia, como se pode ler na manchete de capa da revista *Isto é*, publicada em 30/01/2020, “Bolsonaro diz que livros didáticos têm ‘muita coisa escrita”.

Outro ponto importante de se analisar no comentário (**enunciado 2 – recorte 2**) é o modo como as formações discursivas (FD) e imaginárias (Fim) sobre o ministro da Educação do Brasil se mostram, pois Weintraub se posiciona a partir da FD identificada à ideologia que naturaliza o sentido de apoio ao discurso do filho do presidente, o deputado federal Eduardo Bolsonaro – PSL – SP. Nesse sentido, o sujeito ministro da Educação afirma ser grato ao apoio do deputado e defende que não havia pesquisa na área de segurança pública no Brasil e, que, agora, pesquisadores em mestrados, doutorados e pós-doutorados poderão fazer pesquisas nessa área. Ao se posicionar desse modo, o sujeito Weintraub é dito no discurso muito mais do que ele diz, pois é afetado pela língua e pela história. E é justamente a língua que fornece a base material onde se desenvolvem os processos discursivos. Assim, o ministro da Educação já está se significando no imaginário social, uma vez que o seu discurso se constitui como reprodução e movimento. Por isso, não se pode negar a evidência da língua, como tal, ela tem seu corpo, sua materialidade, logo, “é preciso que desconfiemos dela e de seu efeito de aparente transparência” (LEANDRO FERREIRA, 2000, p. 21).

Essa informação naturalizada pelos efeitos de sentido de que “não havia pesquisa na área de segurança pública” no Brasil se dá por meio da identificação do sujeito Weintraub à FD na qual ele enuncia, transpassado pela ideologia que o constitui como sujeito efeito da ideologia, que o



interpela, porque conforme compreende Pêcheux (2014, p. 146), “é a ideologia que fornece as evidências pelas quais todo mundo sabe o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., [...]”. Dito de outro modo, é a ideologia que naturaliza os sentidos para os sujeitos, a partir da identificação a uma dada formação discursiva e ideológica, na qual ele se encontra inserido nessas condições de produção do discurso de quem é ministro da Educação do Brasil.

E é justamente nessas condições de produção do discurso que a posição ocupada pelo sujeito ministro funciona tocado pelas formações imaginárias, pois de acordo com Orlandi (2011), não é o lugar empírico que funciona, mas o lugar social atravessado pelo imaginário. Portanto, é o imaginário desse lugar social de ministro que funciona, advindo daí, as críticas feitas ao sujeito Weintraub, por ele ser o representante máximo da Educação do Brasil, que exige dele, enquanto ministro, saber se posicionar bem diante de outros cidadãos. É preciso destacar ainda, que tal ministro é acusado por muitos de ser arrogante, prepotente e de se mostrar intransigente, voltado para si mesmo, conforme se pode observar na matéria de capa, publicada em 15/05/2019, pelo site *brasil247.com*, intitulada: “Deputados criticam arrogância do ministro da Educação na Câmara”. Já o site *metro1.com.br* trouxe a seguinte manchete: “Weintraub ‘se acha o dono da verdade’ ao incitar denúncias [...]”.

Do exposto, nas relações de forças a partir das formações imaginárias de sujeitos que projetam o lugar social de um ministro da Educação que, para representar bem essa pasta, deve se posicionar de modo gentil, afável com respeito à diversidade de cidadãos brasileiros e que precisa sempre atuar de modo dócil, aberto ao diálogo, tendo em vista a posição





ocupada, pode-se dizer que tal postura não tem funcionado nessa posição ocupada pelo ministro, pois, para muitos, ele (enquanto ministro da Educação) tem se mostrado como arrogante, prepotente e centralizador, a ponto de nem sequer consultar a sua equipe de assessoria para lhe auxiliar no modo adequado de empregar a norma culta do português em suas publicações, principalmente, em documentos oficiais, nos quais, enquanto ministro já cometeu os erros de ortografia, ao escrever as palavras “suspensão” e “paralização”(sic) em um documento enviado ao ministro da Economia, Paulo Guedes.

Nesse cenário, já o sujeito internauta, autodenominado *Marcelo 'Jorjão' Ribeiro*, mostra-se inscrito noutra formação discursiva (FD opositora à FD do ministro da Educação do governo bolsonaro), pois ele (d)enuncia produzindo efeitos de sentido de críticas, escárnio e muitos deboches ao sujeito Weintraub e ao sujeito chefe e mentor desse ministro da Educação, o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (crítica irônica ao enunciado produzido pelo presidente de que os livros didáticos do Brasil possuem muitos textos). E essa é a identificação que a sua interpelação por uma ideologia não inscrita numa formação discursiva denominada popularmente como bolsonarista produz acerca dos lugares sociais ocupados pelos sujeitos Weintraub e Bolsonaro. Diante disso, a memória discursiva presente no enunciado **comentário 2 (recorte 2)**, mobilizada por esse sujeito internauta, mostra-se pelo acionamento de um aspecto cultural muito constante nos principais eventos sociais brasileiros, que é o ato dos sujeitos se abraçarem ou, por meio dos seus enunciados publicados virtualmente, despedirem-se desejando um abraço ao outro, mas, tal ensejo, ao mobilizar a memória discursiva, promove o acionamento da

paráfrase ressignificada pela presença da polissemia. Sendo assim, por meio dos termos linguísticos: “Forte abraço”, o sujeito internauta favorece efeitos de sentido opostos ao fraternal e sugere o linguístico que aponta para a exterioridade, para o já-dito noutra lugar, para o discurso que exhibe e debocha dos tantos desvios ortográficos cometidos pelo ministro da Educação, conforme circulados pela mídia, a exemplo do site *Diário do centro do mundo*, que no dia 24 de agosto de 2019, trouxe a seguinte manchete em destaque: “Ministro da Educação comete 33 erros de português em dois meses no *Twitter*”.

Figura 3 — Enunciado 3 (recorte 3)



Fonte: <https://twitter.com/hashtag/weintraub>.

Ainda, nessa relação de forças e de sentidos analisados aqui, o **comentário 3, (recorte 3)** traz o enunciado de um sujeito que se marca como *#VoltaLula*. Dessa forma, ao (de)enunciar por meio do linguístico elementos relacionados aos sujeitos (presidente Bolsonaro, ministros Weintraub, Salles, Damares, Guedes e Moro, por exemplo), o sujeito internauta mobiliza elementos da exterioridade constitutiva (acontecimentos negativos que são publicados na mídia sobre a gestão



desses sujeitos citados pelo referido internauta). Em decorrência disso, fundamentados em Pêcheux ([1969]1993; [1975] 2014) e Orlandi (2011, 2013), pela perspectiva da AD, constata-se que o elemento linguístico intervém como pressuposto que aponta para a exterioridade constitutiva de todo o dizer: o sujeito e a situação, que em toda situação de linguagem contam fundamentalmente para a AD.

Atrelado a isso, é necessário marcar a posição social da qual o sujeito internauta produz o seu discurso, pois os sentidos se dizem por si nele, por meio da ideologia que marca a *internet* como um lugar de abertura para se dizer coisas. Mas para tal, é preciso entender como funciona o seu processo de constituição em sujeito, pois de acordo com Althusser (1985), o indivíduo é chamado a ser sujeito, ganhando existência sócio-histórica em uma dada formação social (no caso, o sujeito internauta brasileiro, que não se identifica aos saberes pertencentes à FD considera por muitos como bolsonarista). Conseqüentemente, de acordo com Pêcheux (1969, 2014), o sujeito fala a partir de sua inscrição numa formação discursiva, que determina o que pode e o que deve ser dito. Nesse ponto, não existem palavras neutras, pois as palavras estão sempre carregadas de uma força que é dada a partir das formações imaginárias nas relações entre os lugares sociais e o poder desses lugares (lugar social de presidente, de ministro, de internauta, dentre outros).

A partir desse encadeamento discursivo, eis a máxima da AD, não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. Por tal motivo, o sujeito que constrói o **comentário 3, (recorte 3)** se mostra identificado à ideologia de esquerda e contrário aos saberes defendidos por Bolsonaro e por seus ministros a partir da ideologia de direita, com principal



crítica ao ministro da Educação do Brasil, Abraham Weintraub. Por tal motivo, o sujeito internauta marca nesse enunciado, por meio dos termos linguísticos *#VoltaLula*, o seu lugar de filiação ideológica. Aqui, pode-se analisar de que forma, as formações discursivas e imaginárias sobre o sujeito internauta e ministro da Educação do Brasil se mostram nesses enunciados no *Twitter*, pois o sujeito internauta (d)enuncia por meio das suas relações de forças, de sentidos e de antecipação, a partir das suas condições reais de existência.

Mais um ponto a ser analisado no **comentário 3, (recorte 3)** é o modo como a memória discursiva se apresenta nessas publicações e como seus efeitos de sentido estão aí presentificados. Nesse ponto, torna-se interessante analisar a presença do imagético, pois o sujeito apresenta um desenho da imagem do ministro da Educação, com a parte de cima da cabeça aberta e dentro dela, no lugar onde deveria aparecer o cérebro, o que se vê são imagens de quatro burros (jumentos/asnos) urrando e, ao lado do desenho da cabeça do ministro, as seguintes frases: “não sou eu...” e “são as vozes na minha cabeça”. Do exposto, a memória discursiva faz ressoar ecos do já-dito noutro lugar, pois é sabido que está cristalizado pelo imaginário social do povo brasileiro que o burro (jumento/asno) circula como um tipo de animal não dotado de inteligência, deslocado com efeitos de sentido de adjetivação para sujeitos, por exemplo, considerados estúpidos, idiotas, imbecis, néscios e ignorantes. Na imagem exposta, esses efeitos de sentido atribuídos ao ministro Weintraub, que é chamado por alguns no Brasil como sendo um “ministro ogro”, dão-se de modo hiperbólico, pois, na imagem, ele aparece com quatro animais no lugar do cérebro, o que indica que ele é orientado por esses jumentos diante de suas decisões como ministro da





Educação. Advindo daí, os constantes erros em seus desvios ortográficos, no que concerne ao emprego do português pela norma culta, bem como ser bruto, ignorante no convívio social com aqueles que não compartilham dos saberes que ele toma como efeitos de evidências naturalizadas pela ideologia que o constitui em sujeito ministro da Educação de linha bolsonarista.

Logo, o sujeito internauta apresenta o ministro da Educação do Brasil, Weintraub, como um sujeito cindido em sua estrutura, atravessado pelas vozes que o constituem “não sou eu”, “são as vozes na minha cabeça”. Assim, o ministro se mostra nesse enunciado como o sujeito da ideologia althusseriana e pecheutiana, mas numa relação entre paráfrase e polissemia, estabelecida aqui, ele é interpelado pela ignorância advinda das vozes dos jumentos. Daí, o sujeito Weintraub se mostra nesse enunciado descentrado de sua posição de controle, favorecendo os equívocos, as falhas e os deslizes, sendo marcado nesse **comentário 3, (recorte 3)** a sua posição social de sujeito da linguagem, do inconsciente e da ideologia. E é dessa maneira, como sujeito, que o ministro é visto nesse artigo, pois é pela entrada na linguagem que se marca para o sujeito a passagem da natureza para a cultura, do natural para o simbólico, que o constitui em sua singularidade de ministro que enuncia, sujeito à materialidade da língua, onde se inscrevem a historicidade e os efeitos de sentido presentificados no **comentário 3 (recorte 3)**. Entretanto, convém ressaltar que, enquanto posição-sujeito de ministro bolsonarista, Weintraub se reconhece no sentido, mas não reconhece o sentido nele, pois a ideologia produz a identificação a uns sentidos e não a outros, com isso, há sentidos não autorizados a circularem na formação discursiva de quem segue o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro.



É verdade que, pela ótica da AD, por meio das modalidades discursivas de funcionamento subjetivo, o sujeito pode se identificar, contra-identificar-se ou se desidentificar de uma dada FD. Mas, é preciso pontuar que, em se tratando da análise em pauta, a não identificação de um ministro desse governo do presidente Bolsonaro à FD considerada bolsonarista poderia acarretar em demissão pelo presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, por exemplo, como efeitos de interdição ou de silenciamento (censura) a sentidos outros, pois assim se pode tentar estabilizar no fio discursivo o modo significante pelo qual o sentido se formula a partir da formação discursiva chamada bolsonarista. Contudo, tal procedimento seria apenas uma tentativa, pois conforme compreendem Pêcheux (1969) e Orlandi (2011, 2013), os sentidos estão sempre à deriva e, assim, suscetíveis a se tornarem outros, bem como, no ponto de encontro entre a ordem da linguagem, a porosidade da ideologia e os atos falhos do inconsciente, logo, o sujeito pode se posicionar em resistência.

5. SITUANDO AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tomou como materialidade discursiva inicial um enunciado publicado no *Twitter*, pelo ministro da Educação do Brasil, Abraham Weintraub, republicado pela mídia brasileira, comentado pelos internautas e pela imprensa. Para estabelecer um gesto de leitura e de interpretação, este trabalho mobilizou como escopo teórico-analítico a Análise do Discurso de linha francesa (AD). Assim, buscou-se neste artigo estabelecer um gesto de leitura e de interpretação acerca da posição social ocupada por tal ministro, através da análise de termos linguísticos empregados de forma inadequada por ele, uma vez que o linguístico sempre intervém





como pressuposto que aponta para a exterioridade constitutiva pela historicidade, trazendo como efeitos de sentido de evidência a posição que determinado sujeito ocupa, a partir de sua inscrição numa formação discursiva (FD), daí, determinando o que pode e o que deve ser dito, por ser interpelado por ideologia(s).

Dito isso, procurou-se aqui, analisar, não o sujeito empírico Weintraub, que come, bebe e tem um nome próprio, mas o sujeito social, que ocupa a posição-sujeito numa dada conjuntura social, no caso, o ministro da Educação do Brasil, interpelado pela ideologia cognominada bolsonarista, pois de acordo com Pêcheux (2014), quando o sujeito fala, fala nele uma instituição, uma dada ideologia. Logo, é a partir da ideologia que o ministro da Educação, por meio do mecanismo de antecipação, nas relações de forças e de sentidos, projeta o seu lugar social e o lugar do seu interlocutor. Do mesmo modo, aqui, também, mobilizou-se analisar a posição social do sujeito internauta e a produção dos efeitos de sentido, advindo desse lugar que o constitui como crítico dos saberes produzidos pelo ministro da Educação, Abraham Weintraub em seus constantes erros (desvios) cometidos no mau uso do seu próprio idioma, o português, não admissíveis para qualquer sujeito que ocupe a posição social de autoridade máxima, nesse caso, que responde pela pasta responsável por alfabetizar as crianças do seu país, no ensino da norma culta do idioma falado no Brasil.

Diante disso, a partir dos **comentários 1, 2 e 3, (recortes 1, 2 e 3)**, onde se observou o funcionamento discursivo produzido a partir da posição-sujeito de internauta no *Twitter*, pode-se analisar os recorrentes erros de ortografia de uma autoridade em seu *Twitter*, mostrando-se, entre



os muitos efeitos de sentido, efeitos de escárnio, de ironia e de deboche, dentre outros, acrescidos de uma ferrenha crítica social, uma vez que não se trata de apenas apontar tais erros cometidos, mas criticar a posição-sujeito de ministro da Educação por ocupar um posto de autoridade, que exige do sujeito ocupante a gentileza, a docilidade e o saber respeitar a diversidade do povo brasileiro, que ele deve representar nessa posição de ministro. Além disso, as formações discursivas e imaginárias sobre o sujeito internauta mostrou sujeitos que cobram, ironizam e pedem mais atenção na escrita de enunciados/comentários do ministro Weintraub, que em sua forma-sujeito (identificação) e posição-sujeito vem se posicionado de modo a produzir efeitos de sentido de superioridade e arrogância em suas aparições na mídia, ou seja, provavelmente, sem humildade para recorrer à sua equipe de redatores, responsáveis pela supervisão de seus posicionamentos orais e escritos.

Nesse contexto, outro ponto que foi analisado no enunciado 2 (recorte 2) e no enunciado 3 (recorte 3) apontou para o modo como a memória discursiva se apresenta nessas publicações e como seus efeitos de sentido se presentificaram. Assim, analisou-se a presença de um desenho da imagem do ministro da Educação com a parte de cima da cabeça aberta e dentro dela, no lugar onde deveria aparecer o cérebro, o que tinha, eram imagens de quatro burros (jumentos/asnos) urrando e, ao lado do desenho da cabeça do ministro, as seguintes frases: “não sou eu...” e “são as vozes na minha cabeça”. Desse modo, pelo mobilizar da paráfrase e da polissemia, via memória discursiva, percebeu-se uma referência ao fato social de muitos cidadãos chamarem Weintraub de “ministro ogro” e de ministro não dotado de inteligência, sendo ainda





considerado descortês, ignorante e bruto no trato com a diversidade humana brasileira, conforme se observa essa circulação de sentido, através das matérias do *site brasil247.com*, publicada em 15/05/2019, intitulada: “Deputados criticam arrogância do ministro da Educação na Câmara”, e, do *site metro1.com.br*, que trouxe a seguinte manchete: “Weintraub ‘se acha o dono da verdade’ ao incitar denúncias [...]”.

Nesse contexto, a memória discursiva presente em tais enunciados, com efeitos de sentido de críticas à posição assumida por Weintraub também se mostrou pelo acionamento de uma prática cultural frequente nos principais eventos sociais brasileiros, que é o ato dos sujeitos se abraçarem ou, por meio dos seus enunciados publicados virtualmente, despedirem-se ofertando um abraço ao outro, entretanto, a presença da memória discursiva, mobilizou uma ressignificação pela movência da polissemia. Dessa maneira, por meio dos termos linguísticos: “Forte abraço”, o sujeito internauta favoreceu efeitos de sentido contrários ao simples abraço amistoso e encaminhou para o uso dos termos linguísticos que apontam para a exterioridade, para o já-dito noutra lugar. Assim, a inscrição desses termos numa memória atual que se inscreve numa rede de memórias, mostrando os desvios ortográficos cometidos pelo ministro da Educação, conforme circulados pela mídia e mostrados no *site diário do centro do mundo*, na manchete do dia 24 de agosto de 2019, intitulada: “Ministro da Educação comete 33 erros de português em dois meses no *Twitter*”. Nesse enquadramento, depreende-se que tal ministro deve atentar para a escrita adequada das palavras, tendo em vista a norma culta teorizada, prescrevendo “isto ou aquilo”, para



determinadas condições de produção, ao ser levado em consideração a sua posição-sujeito de ministro da Educação do Brasil. Portanto, no seu caso, tanto na oralidade e/ou escrita, deve ser capaz de mostrar o domínio dessas regras, pois quando, por exemplo, outros sujeitos “não dominam tais regras”, à língua, seja ela em suas modalidades oral ou escrita, torna-se um fator de imposição, exclusão social, opressora (MARCUSCHI, 2007).

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado (AIE). Rio de Janeiro, Graal, 1985.

_____. **Freud e Lacan, Marx e Freud**: introdução crítica-histórica. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz? São Paulo: Loyola, 2008.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CAZARIN, E. A. Interlocução discursiva: a afirmação funcionando como negação. In: ERNST-PEREIRA, A.; FUNCK, S. B. (Org.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 50. ed. São Paulo: Nacional, 1990.

COURTINE, J-J.; MIRANDIM, J. M. **Quel Object pour l'analyse du discours?** Materialités discursives. Lille: Press Universitaires, 1981.

● ● ●

FERREIRA, E. da S. **O discurso de Médiçi e seus jogos**: questões sobre o silenciamento e a representação do outro. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. **Working papers em Linguística**, Florianópolis, v. 10, p. 73-91, 2009.

HAROCHE, C. **Fazer, dizer, querer, dizer**. São Paulo: Hucitec, p. 178, 1992.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2007.

LEANDRO FERREIRA, M. C. **Da ambiguidade ao equívoco**: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2007.

MALISKA, M. E. A voz: um corpo que não engana. In: FLORES, G. G. B. *et al.* (Org.). **Análise do discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas, SP: Pontes, 2017.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 2011.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

_____. Análise de discurso. In: LAGAZZI, S.; ORLANDI, E. P. (Org.). **Discurso e textualidade**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. Rôle de la mémoire. In: MALDIDIER, D. (Org.). **Histoire et Linguistique**. Paris: La Maison des Sciences de l’Homme, 1984.

_____ **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, [1969] 1993.





_____. O mecanismo do (des) conhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, [1996] 2010.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 2010, p.49-57.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1975] 2014.

SOARES, A. F. Sem corpo, sem língua, num entrelugar: sobre os sujeitos transexuais na mídia. In: FLORES, G. G. B. et al. (Org.). **Análise do discurso em rede**: cultura e mídia. Campinas, SP: Pontes, 2017.

